

# Em busca da autenticidade

## Sándor Ferenczi entre o *enfant terrible* e a “criança obediente” da psicanálise

Gustavo Dean-Gomes  
Daniel Kupermann

**Texto apresentado** em versão reduzida na 14ª Conferência Internacional Sándor Ferenczi, em 30 de maio de 2024.

**Gustavo Dean-Gomes** é doutorando no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

**Daniel Kupermann** é psicanalista, professor livre-docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, bolsista do CNPq – Brasil.

**Resumo** O artigo investiga os conflitos e as tensões que marcaram a trajetória de Sándor Ferenczi, especialmente em sua relação com Freud e no desenvolvimento de suas ideias inovadoras para o campo psicanalítico, investigando, com o auxílio das teorias de Erich Fromm, as possibilidades e impossibilidades de Ferenczi para equilibrar autonomia criativa de um lado, e desejo de aceitação de outro.

**Palavras-chave** Sándor Ferenczi, 1873-1933; Sigmund Freud, 1856-1939; Erich Fromm, 1900-1980; psicanálise; autenticidade; submissão.

DOI: 10.70048/percurso.73.55-64

### Introdução

Sándor Ferenczi foi um dos principais interlocutores de Sigmund Freud no processo de construção da psicanálise. Desde seu ingresso no movimento psicanalítico, Ferenczi mostrou-se um autor original, repleto de ideias e pronto para cooperar nos mais diversos aspectos da nova ciência: teóricos, clínicos e institucionais, com destaque para as considerações sobre a formação psicanalítica. Sua disposição foi especialmente marcante a partir do trabalho com pacientes que, em função de terem atravessado situações traumáticas, desafiavam o método clássico, momento em que investiu em descrever e refletir acerca das diferentes abordagens para tratar desses casos, o que fez em textos como “A elasticidade da técnica psicanalítica”, no qual apresentou uma prática analítica fundamentada no trinômio “empatia-amistosa benevolência-tato” do analista; “Princípio de relaxamento e neocatarse”, artigo em que indicou, como contrapeso ao “princípio de abstinência” freudiano, o “princípio de autorização” (*laissez-faire*) e o valor das “regressões” no contexto analítico – temas que foram aprofundados em “Análise de crianças com adultos”, escrito em 1931. Por fim, devemos mencionar ainda “Confusão de língua entre os adultos e a criança”, seu texto de denúncia sobre possíveis efeitos retraumatizantes da psicanálise, de 1933; o *Diário clínico* e as “Notas e fragmentos”, escritos póstumos com profundas ponderações sobre a arte do psicanalisar. Por conta dessa atividade intensa, Ferenczi muitas vezes foi descrito (e até se autodescreveu) como o *enfant terrible* da psicanálise.

O termo *enfant terrible* pode ser traduzido do francês, literalmente, como “criança terrível”. Historicamente, indicava crianças que



*defendemos que,  
ao lado do enfant terrible,  
habitava em Ferenczi  
uma “criança obediente”*

exibiam comportamento indisciplinado, opositivo ou perturbador. Ao longo do tempo, seu significado passou a descrever também adultos que confrontavam normas sociais estabelecidas, muitas vezes de forma criativa ou provocadora. No caso de Ferenczi, a expressão é frequentemente utilizada em referência à sua disposição para desafiar convenções do movimento psicanalítico. Se, por um lado, esse fato é observável a partir das referências bibliográficas citadas; por outro, tal nomeação pode simplificar a forma como se deu sua contribuição à psicanálise e ignorar a profundidade, meticulosidade e sofrimento com que Ferenczi desenvolveu suas ideias. Defendemos que, ao lado do *enfant terrible*, habitava em Ferenczi uma “criança obediente”, e que os conflitos provocados por essas duas disposições provocavam-lhe uma enorme tensão psíquica – reconhecida por si mesmo e por alguns de seus colegas próximos –, que influenciou tanto seu impulso criativo e sua forma metódica de apresentar suas contribuições teóricas, quanto suas profundas tribulações psíquicas e adoecimentos físicos.

Neste artigo acentuaremos o aspecto da “criança obediente” de Ferenczi, trabalhando com seus próprios referenciais teóricos e também com ideias alternativas que nos ajudarão a compreender melhor seu lugar no movimento psicanalítico. Dividiremos nossa abordagem em quatro momentos: 1) Ferenczi enquanto analisando, 2) o desassossego psíquico relacionado à sua relação com Freud, 3) como as teorias de Erich Fromm sobre as relações de poder, liberdade e alienação nos fornecem subsídios para uma reavaliação da condição de Ferenczi, destacando seu aspecto de “criança obediente” e, por fim, 4) uma hipótese

sobre a fase final da produção de Ferenczi, não somente como um momento de virada, mas, de fato, de reencontro com sua autenticidade.

## O analisando Ferenczi

Sándor Ferenczi enfrentou uma infância marcada por traumas significativos, incluindo a perda prematura de seu pai, aos quinze anos de idade, e também de uma irmã mais jovem, ainda bebê. Havia, também, a convivência com uma mãe bastante ocupada com o cuidado de muitos filhos que, segundo sua interpretação, não tinha podido nutri-lo com o amor necessário. Além disso, foi submetido à sedução sexual por uma de suas babás e ameaçado posteriormente. Elizabeth Severn, sua antiga paciente, com quem, nos anos 1930, praticou o experimento de análise mútua, assim descreveu suas impressões sobre o analisando Ferenczi:

A análise do caráter deste paciente revelou, em primeiro lugar, amargura e raiva e fortes impulsos agressivos, escondidos sob um exterior suave e gentil; segundo, revelou um homem apavorado com todas as mulheres, temendo igualmente sua raiva e sua paixão; e, terceiro, revelou o choque ou psicose em que estava contido o sofrimento agudo, a confiança sexual perdida e o ódio pela injustiça que havia sofrido, em partes iguais. Tudo isso foi fragmentado em pequenos pedaços, grande parte convertido em sintomas físicos, e nada reconhecível pelo que era, uma insanidade reprimida de um tipo virulento.

Outro ponto notável neste caso foi o meio pelo qual essa criança preservou sua sanidade como um todo, restabelecendo uma relação aparentemente normal com a vida após o trauma. Ele o fez, provavelmente no momento de sua ocorrência, pelo que Freud chamaria de repressão e o que Ferenczi chamaria de fragmentação. [...] essa criança cresceu e se tornou uma pessoa de inteligência, equilíbrio e prestatividade incomuns, embora não sem certos perigos para os outros. Mas, a que custo, eu acho que o leitor pode bem imaginar. Ele foi privado de felicidade e saúde durante a maior parte de sua vida, pois foi cinquenta anos após sua ocorrência que esse trauma passou a ser observado e tratado.<sup>1</sup>

As observações de Severn destacam a profundidade dos traumas vividos por Ferenczi, que se manifestaram em sintomas físicos e emocionais ao longo de sua vida. Essa análise nos permite vislumbrar como tais experiências influenciaram a construção de suas reflexões teóricas. A complexidade de suas defesas psíquicas, como a fragmentação de memórias traumáticas, antecipa temas centrais de sua obra, que ele viria a explorar com maior profundidade, como a relação entre vítima e agressor. Esses aspectos são cruciais para entender sua posterior contribuição à prática psicanalítica, especialmente no contexto de suas interações com Freud.

Em linha com as observações de Severn, ao examinarmos o *Diário clínico*, encontramos relatos semelhantes vindos da pena do próprio Ferenczi, o que nos permite uma melhor compreensão da influência dessas vivências na sua prática clínica e na subsequente teorização. Entre os temas mais notáveis estão o desenvolvimento de suas hipóteses sobre o trauma, a confusão de línguas entre criança e adulto, e a identificação com o agressor. Este último fenômeno é especialmente relevante no contexto de nosso estudo, uma vez que indica a introjeção, pela criança, dos afetos de seu agressor como estratégia de sobrevivência psicológica, algo que, em nossa leitura, pôde ser observado também na relação de Ferenczi com Freud<sup>2</sup>. Essa relação, como veremos a seguir, desempenhou um papel fundamental no sofrimento emocional de Ferenczi e no desenvolvimento de suas teorias.

## O sofrimento de Ferenczi na sua relação com Freud

Ferenczi, formado em Viena em meados da década de 1890, desde seus primeiros anos de prática

as observações de Severn destacam a profundidade dos traumas vividos por Ferenczi, que se manifestaram em sintomas físicos e emocionais

médica mostrou-se um pesquisador inquieto, interessado por fenômenos diversos, como o espiritismo – que lhe abriu as portas para sua reflexão sobre os fenômenos do inconsciente –, a psicologia infantil, as teorias da evolução e as práticas terapêuticas ligadas à sugestão e à hipnose<sup>3</sup>. Quando conheceu a psicanálise, Ferenczi nela encontrou uma teoria que poderia ajudá-lo a aprofundar suas reflexões sobre esses assuntos. Em 1908, ao se aproximar de Freud, Ferenczi encontrou não apenas um mentor, mas também uma figura capaz de revolucionar a investigação e a prática psicoterapêutica.

A admiração entre Freud e Ferenczi foi imediata e mútua, e o criador da psicanálise exercia um grande fascínio e autoridade sobre Ferenczi, influenciando significativamente seu trabalho. Tal situação fazia com que o húngaro frequentemente se encontrasse dividido entre a lealdade a Freud e às suas próprias intuições. Quem primeiramente registrou os efeitos dessa situação foi Lou Andreas-Salomé, que anotou as seguintes linhas em seu diário, após um período de visitas a Freud e Ferenczi em 1913:

Inquestionavelmente, Ferenczi tem muitas ideias que, por certo aspecto, o desviam da posição filosófica de Freud. A despeito do quão fantásticas as consequências de algumas delas podem parecer-lhe, seria bom se sua maneira de ver as coisas influenciasse os pontos de vista filosóficos de Freud. Mas é significativo que Ferenczi refira-se a essas, suas ideias mais queridas, pelas quais poderia afirmar viver em seu estado de solidão (como a forma de ele falar sobre elas atesta completamente), como “loucuras”, “curiosidade patológica” e seu ardente “desejo por onisciência” [...].<sup>4</sup>

1 E. Severn, *The discovery of the self*, p. 99.

2 Cf. D. Kupermann, *Por que Ferenczi?*

3 Cf. G. Dean-Gomes, *Budapeste, Viena e Wiesbaden: o percurso do pensamento clínico-teórico de Sándor Ferenczi*, capítulo 2.

4 L. Andreas-Salomé, *The Freud journal*, p. 137.



vemos Ferenczi explorando  
a regressão profunda a um estado  
de morte (ou, talvez pudéssemos  
dizer, “não vida”)

A perspicácia de Lou Andreas-Salomé permitiu-lhe perceber, já na primeira metade da década de 1910, o início de um distanciamento entre as concepções de Ferenczi e o pensamento freudiano, que o húngaro tentava conter fazendo uso, inclusive, de autorrecremnações. Todavia, à medida que Ferenczi aprofundava suas reflexões – e delineava abordagens próprias que se afastavam de algumas ideias centrais de Freud –, essas divergências se tornaram mais evidentes. Assim, as tensões entre os colegas aumentaram ao longo dos anos, especialmente quando Ferenczi começou a desenvolver suas teorias sobre o trauma e as práticas psicoterapêuticas a ele relacionadas, fundamentadas especialmente no uso clínico do relaxamento e da regressão – hipóteses que divergiam significativamente das concepções de Freud.

Essa relação complexa teve profundas repercussões psicológicas em Ferenczi, contribuindo para crises de identidade e alienação, descritas em certas passagens do *Diário clínico*, como na pesada nota de 2 de outubro de 1932, “Regressão em  $\psi$  – Estado embrionário  $\phi$ , *during analysis* (numa decomposição orgânica)”. Essa passagem é especialmente reveladora, e iremos comentá-la em duas partes, dada sua extensão e profundidade:

Regressão mais profunda para o estado de morte (o perigo é o de não-ter-ainda-nascido. Uma nova solução do problema da personalidade será possível após semelhante mergulho no traumático?).

No meu caso, uma crise sanguínea sobreveio exatamente no momento em que compreendi que não só não posso contar com a proteção de uma “potência superior”, mas que, *pelo contrário*, sou espezinhado por essa

potência indiferente, se seguir o meu próprio caminho – e não o dela.

A compreensão a que essa experiência me fez ter acesso foi a de que eu só era corajoso (e produtivo) enquanto me apoiava (inconscientemente) numa outra potência, a de que, portanto, nunca fui “adulto”. Desempenhos científicos, casamento, luta contra colegas muito fortes – tudo isso somente era possível sob a proteção da ideia de que posso, em *todas as circunstâncias*, contar com esse substituto do pai. A “identificação” com a potência superior, a *súbita* “formação do Superego”, foi esse o apoio que me preservou outrora da decomposição definitiva? A única possibilidade de continuar existindo será abandonar a maior parte do seu próprio eu para executar plenamente a vontade dessa potência superior (como se fosse a sua vontade)?

E assim como devo agora reconstituir novos glóbulos vermelhos, será que devo (se puder) criar para mim uma nova base de personalidade e abandonar, como falsa e pouco confiável, a que eu tinha até agora? Terei neste ponto a escolha entre morrer ou me “reorganizar” – e isso aos 59 anos?

Por outro lado: viver sempre a vida (a vontade) de uma outra pessoa – terá isso algum valor – uma tal vida não será já quase a morte? Perderei demais se me arriscar a ter essa vida? *Chi lo sa?*<sup>5</sup>

Ao analisarmos os dois primeiros parágrafos desse trecho inicial da citação, vemos Ferenczi explorando a regressão profunda a um estado de morte (ou, talvez pudéssemos dizer, “não vida”), evocando a ideia de “não-ter-ainda-nascido”, o que traz uma reflexão existencial sobre a possibilidade de reorganizar a personalidade após um mergulho traumático, origem da concepção balintiana de *new beginning*. A angústia está ligada à sensação de abandono e à percepção de que, ao seguir seu próprio caminho, ele se afastaria de qualquer proteção externa, algo que ressoa com a sensação de isolamento que sentia dentro do movimento psicanalítico. O conflito aqui é entre a autonomia pessoal e a dependência de uma força superior, que ele reconhece como fundamental em seu desenvolvimento e suas realizações passadas. Essa ambivalência revela o profundo dilema em que



Ferenczi se encontrava: será que sua independência implicaria uma espécie de “morte” (simbólica? real?), ou seria o início de uma nova etapa?

Prosseguindo com nossa leitura detida, no terceiro parágrafo do excerto, Ferenczi passou a discutir a formação de sua personalidade ao longo dos anos, afirmando que suas realizações pessoais e profissionais só foram possíveis porque, inconscientemente, ele se apoiava em uma “potência superior”, como um substituto paterno. A formação do Superego, que ele descreve, foi o que, em momentos anteriores, o preservou da desintegração. O interessante aqui é a maneira como Ferenczi coloca a necessidade de abandonar uma parte de si para continuar a existir sob o domínio dessa força externa. Esse parágrafo reflete sua luta interna para redefinir sua identidade e abrir mão de uma estrutura psicológica que, até então, de maneira ambivalente, sustentava sua existência, mas que agora se mostrava em franco desacordo com seus novos questionamentos e desafios.

Por fim, no quarto e quinto parágrafos da citação, a crise de reorganização toma uma dimensão ainda mais dramática. Ferenczi se questiona se, aos 59 anos, ele seria capaz de abandonar a base de sua personalidade e criar uma nova, ou se isso representaria sua morte. A metáfora de viver a vida de outra pessoa, em referência à “potência superior”, quase se iguala à morte psíquica. Essa parte da reflexão finaliza com uma incerteza dolorosa: será que vale a pena se arriscar a viver por si mesmo, ou o preço dessa autonomia seria alto demais? Aqui, Ferenczi levanta uma dúvida essencial sobre a validade de uma vida vivida sob a sombra de outra vontade, tornando claro o quão profundo era seu conflito entre ser fiel a si mesmo ou se submeter à segurança oferecida por uma figura superior – no caso, Sigmund Freud.

Retomemos a citação para continuar a análise:

A confiança que os alunos têm em mim pode fornecer-me alguma segurança; muito particularmente a

*será que vale a pena  
se arriscar a viver por si mesmo,  
ou o preço dessa autonomia  
seria alto demais?*

confiança de uma pessoa que é, ao mesmo tempo, aluno e mestre.

(Neste momento, recebo algumas linhas pessoalmente amistosas de Jones.) (Rosas anunciadas, circular proposta.) Não posso negar que mesmo isso me tocou de forma agradável. De fato, sentia-me abandonado também pelos colegas (Radò, etc.), porque todos têm medo demais de Freud para, em caso de uma disputa entre Freud e eu, comportarem-se de maneira objetiva, até mesmo simpatizante, a meu respeito. Uma troca mais intensa de circulares entre Freud, Jones e Eitington já está certamente em curso há muito tempo. Sou tratado como um doente a quem é necessário poupar. A minha intervenção deve esperar que eu me recupere, de sorte que as “atenções” se tornam inúteis.

Uma certa força da minha organização psicológica parece subsistir, de modo que, ao invés de adoecer psicologicamente, só posso destruir – ou ser destruído – nas profundezas orgânicas.<sup>6</sup>

Na segunda parte da citação, Ferenczi refletiu sobre a solidão e o isolamento que sentia dentro da comunidade psicanalítica, mencionando a falta de apoio dos colegas que, por medo de Freud, não se posicionariam, em hipótese alguma, ao seu lado. Ele abordou a questão da confiança depositada por seus alunos, que, de certa forma, o sustentaria emocionalmente, mas que ainda assim não seria suficiente para aliviar seu sentimento de exclusão. A metáfora da destruição nas “profundezas orgânicas” sugere que, enquanto ele poderia parecer forte psicologicamente, o preço desse isolamento e desse afastamento era pago fisicamente, em seu corpo – e, de fato, a nota foi escrita à época em que Ferenczi, provavelmente, já estava padecendo da anemia que viria a vitimá-lo

5 S. Ferenczi, *Diário clínico*, p. 260.

6 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 261.



*Fromm analisou  
como, ao longo da história,  
o homem se distanciou da unidade  
com o mundo natural*

no ano seguinte. O tema, aliás, era recorrente no pensamento do autor, que frequentemente conectava o sofrimento psíquico a manifestações corporais. A citação finaliza com uma nota de resignação, em que ele reconhecia a fragilidade de sua posição e o impacto destrutivo que a alienação do círculo psicanalítico estava causando em sua vida. Esse ponto finaliza sua reflexão sobre a relação conflituosa com Freud e seus colegas, encerrando um momento de grande introspecção e vulnerabilidade.

Ao examinarmos, a partir dessa nota, o impacto psíquico em Ferenczi de sua relação com Freud, é interessante explorar como as dinâmicas de poder, liberdade e alienação desempenharam um papel significativo nessa interação. Para tanto, as teorias de Erich Fromm oferecem um quadro teórico valioso, não apenas para compreender os conflitos pessoais entre Freud e Ferenczi, mas também as implicações mais amplas dessas tensões para a psicanálise e para a constituição subjetiva.

Ferenczi como a “criança obediente”:  
as teorias de Erich Fromm sobre poder,  
liberdade e submissão

Erich Fromm, psicanalista, cientista social e profundo defensor do legado ferencziano, ofereceu uma perspectiva importante sobre os temas do poder, da busca pela liberdade e dos efeitos da submissão. Em obras como *Escape from freedom*, argumentou que o processo de individuação – tanto em termos históricos quanto no desenvolvimento pessoal – afastava o ser humano de seus vínculos primários, os quais proporcionavam

segurança, mas limitavam sua liberdade. Fromm analisou como, ao longo da história, o homem se distanciou da unidade com o mundo natural e social, especialmente a partir da era moderna, ganhando maior consciência de si como uma entidade independente. No entanto, essa transição gerava ambiguidade, pois, à medida que o indivíduo se libertava dos laços primários, experimentava uma solidão crescente e o desafio de se orientar no mundo por conta própria. Segundo Fromm, “essa separação de um mundo que – em comparação com a própria existência individual – é extremamente forte e poderoso cria um sentimento de impotência e ansiedade”<sup>7</sup>.

Fromm identificou dois aspectos dessa liberdade: por um lado, ela fortalecia o indivíduo ao permitir que ele desenvolvesse maior autonomia sobre suas emoções, pensamentos e decisões. Com o rompimento dos laços primários, o sujeito ganhava mais agência sobre si, adquirindo uma potencialidade maior de “ser” de acordo consigo. Esse fortalecimento do self, que Fromm aprofundaria mais tarde em *Man for himself*, reflete a ideia de que o ser humano, em condições desejáveis, guia-se por seus próprios valores e julgamentos, em vez de simplesmente seguir orientações externas. Por outro lado, essa liberdade gerava desamparo, já que, ao se libertar dos vínculos que antes lhe ofereciam uma sensação de segurança, o indivíduo podia ver-se isolado e exposto a um mundo que, além de distante, agora também se mostrava incerto e ameaçador. Ele ressaltou que, com a perda dos vínculos anteriores, surgiam duas opções: a submissão a uma autoridade, que oferecia uma sensação de proteção, mas limitava o crescimento pessoal; ou a atividade espontânea, que permitia relacionar-se com o mundo de maneira autêntica, preservando a integridade do self por meio do amor e do trabalho produtivo.

Nesse sentido, a submissão, segundo Fromm, era uma tentativa de escapar do peso da liberdade. Ele afirmava que “assim como uma criança nunca pode retornar fisicamente ao útero da mãe, também nunca pode reverter, psiquicamente, o processo de individuação”<sup>8</sup>. A submissão, todavia,

seria uma tentativa nesse sentido: uma fuga da liberdade, experimentada como desamparo, na direção da sensação de aconchego – ainda que eventualmente incômodo – sentido sob a tutela desse outro poderoso. Entretanto, apesar de oferecer segurança momentânea, o novo contexto resultaria, também, em insegurança e hostilidade, pois o indivíduo sacrificava parte de sua força interior e liberdade em troca da proteção de uma autoridade externa.

Essa análise de Fromm tinha ressonância com as reflexões de Ferenczi sobre a dependência de uma “potência superior” e o medo de perder a proteção que ela oferecia. Ferenczi, como Fromm, percebeu o dilema de encontrar segurança sem abrir mão da liberdade, o que levava à tensão entre seguir o próprio caminho ou se submeter a uma autoridade. No excerto transcrito anteriormente, o húngaro ponderou sobre sua crise ao perceber que não podia contar com a proteção de uma “potência superior” e se sentia esmagado por essa mesma potência ao tentar seguir seu próprio caminho. A esse respeito, como vimos, Fromm argumentou que muitas pessoas desenvolvem um “medo da liberdade”, afeto que as leva a buscar segurança e orientação em figuras de autoridade ou “potências superiores”. No caso de Ferenczi, sua dependência da proteção de uma figura de autoridade (eventualmente autoritária) podia ser vista como uma manifestação desse temor, a partir do qual ele preferia a segurança fornecida pela autoridade de Freud a enfrentar a incerteza e a responsabilidade de seguir suas próprias intuições e, concomitantemente, perder o amor desse protetor-perseguidor.

Segundo a teorização de Fromm – que, nesse ponto, guardava algum paralelo com as ideias que Ferenczi expôs em “Psicanálise e pedagogia”, “O desenvolvimento do sentido de realidade e seus

»»

*apesar das qualidades obviamente  
adoráveis de Ferenczi,  
ele sofreu durante a vida com  
a necessidade de ser aceito e amado*  
[Erich Fromm]

estágios” e “Confusão de língua entre os adultos e a criança” – o problema da liberdade estava posto para o homem desde sua origem histórica e individual<sup>9</sup>. Nos restringindo ao indivíduo, crianças que tiveram que lidar com cuidadores autoritários, ou que experimentaram sentimentos relevantes de abandono e rejeição, tendem a se desenvolver de maneira submissa, como “crianças obedientes”. Com relação a esse ponto, Clara Thompson, outra antiga paciente de Ferenczi (e, posteriormente, analisanda de Erich Fromm), fez uma observação interessante:

Apesar das qualidades obviamente adoráveis de Ferenczi, ele sofreu durante a vida com a necessidade de ser aceito e amado. Por causa dessa necessidade, seu relacionamento pessoal com Freud era mais importante para ele do que seu próprio pensamento independente. Ele era o tipo de homem que fica feliz em trabalhar para uma pessoa forte; Freud foi aquela pessoa forte em sua vida. Se Ferenczi não tivesse nada original para contribuir, o relacionamento poderia ter sido completamente satisfatório; mas sua mente era original e – por trás de sua devoção a Freud – havia uma luta constante para ser ele mesmo. Ao mesmo tempo, ele temia incorrer na desaprovação de Freud. Isso tornava sua atitude em relação a Freud definitivamente ambivalente; e essa ambivalência, acredito, pode ser vista em seus escritos.<sup>10</sup>

A observação de Clara Thompson realça a dimensão emocional da relação de Ferenczi com Freud, destacando a ambivalência entre sua devoção e o desejo de afirmação pessoal. Essa luta interna reflete a dificuldade de conciliar o anseio por aceitação e o impulso criativo independente. A percepção da autora, que conheceu a intimidade

7 E. Fromm, *Escape from freedom*, p. 23.

8 E. Fromm, *op. cit.*, p. 24.

9 Cf. D. Kupermann; G. Dean-Gomes, “Sándor Ferenczi e os princípios para uma ética do cuidado nas práticas educativas”, *Revista Interações*, v. 17, n. 59.

10 C. Thompson, “Ferenczi’s contribution to psychoanalysis”, in *Interpersonal psychoanalysis – The selected papers of Clara Thompson*, p. 74.



*Ferenczi ainda expressou suas dúvidas sobre o valor de viver a vida conforme a vontade de outra pessoa*

do pioneiro húngaro, enfatiza que tal ambivalência não era apenas um conflito interno, mas também uma manifestação das tensões entre dependência e liberdade que permeavam tanto a vida pessoal quanto o pensamento teórico de Ferenczi.

Retomando o teor da nota do *Diário clínico* transcrita, Ferenczi questionava se a identificação com a “potência superior” e a formação súbita do Superego foram apoios que o preservaram da decomposição definitiva. Em sua obra, Erich Fromm discutiu como a sociedade e suas estruturas – dentre elas, a família e instituições de educação – podem levar à alienação, fazendo os indivíduos se desconectarem de suas disposições mais íntimas. A conformidade com o Superego construído a partir da figura de autoridade pode ser vista como uma forma de alienação: Ferenczi se afastaria de seu verdadeiro eu para adotar uma identidade mais aceitável para a autoridade (Freud) e a comunidade psicanalítica. De fato, o próprio Ferenczi teorizou sobre como os efeitos do trauma reforçariam as instâncias superegoicas em prejuízo do eu.

Ferenczi ainda expressou, no excerto citado, suas dúvidas sobre o valor de viver a vida conforme a vontade de outra pessoa. Fromm, por seu lado, discutiu como o “medo da liberdade” poderia levar à conformidade com as expectativas e desejos de outros, em vez da busca da própria autonomia – uma espécie de “identificação com o agressor”, em termos ferenczianos. Aliás, uma das mais belas passagens da obra de Ferenczi é um alerta para os sujeitos que eventualmente poderiam fazer mau uso de sua situação de poder:

Os pais e os adultos deveriam aprender a reconhecer, como nós, analistas, por trás do amor de transferência,

submissão ou adoração de nossos filhos, pacientes, alunos, o desejo nostálgico de libertação desse amor opressivo. Se ajudarmos a criança, o paciente ou o aluno a abandonar essa identificação e a defender-se dessa transferência tirânica, pode-se dizer que fomos bem-sucedidos em promover o acesso da personalidade a um nível mais elevado.<sup>11</sup>

Por fim, Ferenczi ponderou ainda se, a partir dessa crise, deveria criar uma nova base de personalidade, abandonando a que tinha até então. Essa questão parece expressar a intuição frommiana de necessidade de reconexão consigo para superar a alienação, tornando possível encontrar uma forma de existir que não esteja tão profundamente dependente da autoridade externa.

O último Ferenczi:  
tentativa de superação do sentimento de alienação e reencontro

A partir do que dissemos até aqui, propomos que a parte final da obra de Sándor Ferenczi – especialmente seus textos publicados a partir de 1928 – seja interpretada não como uma ruptura com suas ideias anteriores, mas como uma – dura, sofrida e, talvez, mortal – tentativa de reencontro com a disposição e criatividade que marcaram seu início na psicanálise em textos como “Psicanálise e pedagogia”. Um processo de autodescoberta e reinvenção, no qual Ferenczi buscou libertar-se das ressonâncias autoritárias que moldaram seu Superego e redirecionavam sua – enorme – criatividade, como indica a nota de 19 de julho de 1932 do *Diário clínico*:

[...] cheguei ao “serviço por amor” junto de um homem forte, e permaneci dependente. Uma nova investida, após a experiência da psicanálise. (1) Entusiasmo, trabalho pessoal, muita originalidade; (2) submissão ao pé da letra (grão-vizir secreto – ambivalência). Afrouxamento parcial do entusiasmo, já nos Estados Unidos, I) Mas no máximo silêncio e improdutividade.

Última decepção: “Ele não ama ninguém, somente a si mesmo e à sua obra” (e não permite a ninguém

mostrar-se original). Depois de Berlim, Paris... O desprendimento libidinal permite inovações técnicas “revolucionárias”: atividade, passividade, elasticidade. Retorno ao trauma (Breuer). *Por oposição a Freud*, desenvolvi num grau particularmente elevado a aptidão para a *humility* e para a apreciação da clarividência da criança (paciente) não depravada.<sup>12</sup>

A citação do *Diário clínico* revela, uma vez mais, a complexidade das tentativas de Ferenczi de se desvencilhar das influências autoritárias e reafirmar sua criatividade. Sua reflexão sobre o “serviço por amor” e a dependência de figuras como Freud exemplifica os desafios que enfrentou ao longo de sua trajetória. Nesse contexto, o processo de desprendimento libidinal, mencionado por ele, é central para entender suas inovações técnicas e sua busca por maior simplicidade e receptividade, elementos que marcaram a fase final de sua produção<sup>13</sup>. A passagem nos oferece uma visão mais clara de seus esforços para se reconectar com suas aspirações iniciais, destacando o impacto emocional e psíquico dessa jornada. Ao considerar esses elementos, podemos compreender melhor como o sentimento de alienação e o reencontro com sua criatividade foram questões cruciais em seus últimos escritos e experiências clínicas.

Essa hipótese ganha força ao se considerar

»  
*o processo de desprendimento libidinal é central para entender suas inovações técnicas e sua busca por maior simplicidade e receptividade*

a perspectiva de Erich Fromm sobre liberdade e alienação, e sua aplicação às experiências e escritos de Ferenczi. Como antecipamos, Fromm destacou que a verdadeira liberdade envolve a capacidade de agir de acordo com nossos desejos e valores autênticos, uma ideia que ressoa profundamente com a trajetória de Ferenczi. Apesar das pressões e da dependência de figuras de autoridade, como Freud, Ferenczi sempre manteve uma luta interna para preservar sua originalidade. Sua fase final reflete um retorno à busca por autenticidade, enfrentando o desafio de reconectar-se consigo sem ser inibido pela cacofonia das imposições e expectativas externas. Assim, algumas das notas do *Diário clínico* são documentos imprescindíveis para uma investigação mais objetiva (e menos idealizada) dos aspectos de *enfant terrible* e “criança obediente” que coabitavam a alma de Sándor Ferenczi.

11 S. Ferenczi, “Confusão de língua entre os adultos e a criança”, in *Obras completas v. IV*, p. 119.

12 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 204.

13 Cf. G. Dean-Gomes, *op. cit.*, Capítulo 8.

**Referências bibliográficas**

- Andreas-Salomé L. (1964/1987). *The Freud journal*. London: Quartet Encounters.
- Dean-Gomes G. (2019). *Budapeste, Viena e Wiesbaden: o percurso do pensamento clínico-teórico de Sándor Ferenczi*. São Paulo: Blucher.
- Ferenczi S. (1908/2011). Psicanálise e pedagogia. In *Obras completas v. I. 2. ed.* São Paulo: Martins Fontes. p. 39-44.
- \_\_\_\_\_. (1913/2011). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In *Obras completas v. II. 2. ed.* São Paulo: Martins Fontes. p. 45-62.
- \_\_\_\_\_. (1928/2011). Elasticidade da técnica psicanalítica. In *Obras completas v. IV. 2. ed.* São Paulo: Martins Fontes. p. 29-42.
- \_\_\_\_\_. (1930/2011). Princípio de relaxamento e neocatarse. In *Obras completas v. IV. 2. ed.* São Paulo: Martins Fontes. p. 61-78.
- \_\_\_\_\_. (1931/2011). Análise de crianças com adultos. In *Obras completas v. IV. 2. ed.* São Paulo: Martins Fontes. p. 79-96.
- \_\_\_\_\_. (1933/2011). Confusão de língua entre os adultos e a criança (a linguagem da ternura e a da paixão). In *Obras completas v. IV. 2. ed.* São Paulo: Martins Fontes. p. 111-124.
- \_\_\_\_\_. (1949/2011). Notas e fragmentos. In *Obras completas v. IV. 2. ed.* São Paulo: Martins Fontes. p. 267-323.
- \_\_\_\_\_. (1985/1990). *Diário clínico*. São Paulo: Martins Fontes.
- Fromm E. (1941/2013). *Escape from freedom*. Nova York: Open Road Distribution.
- \_\_\_\_\_. (1947/2013). *The man for himself*. Nova York: Open Road Distribution.
- Kupermann D. (2022). *Por que Ferenczi?* São Paulo: Zagodoni.
- Kupermann D.; Dean-Gomes G. (2021). Sándor Ferenczi e os princípios para uma ética do cuidado nas práticas educativas. *Revista Interações*, v. 17, n. 59, p. 28-49. <https://doi.org/10.25755/int.25100>.
- Severn E. (1933/2017). *The discovery of the self: a study in psychological cure*. Oxon: Routledge.
- Thompson C. (1944/1964). Ferenczi's contribution to psychoanalysis. In *Interpersonal psychoanalysis – The selected papers of Clara Thompson*. Nova York: Basic Books. p. 72-81.

**In search of authenticity:****Sándor Ferenczi between the *enfant terrible* and the “obedient child” of psychoanalysis**

**Abstract** The article investigates the conflicts and tensions that marked Sándor Ferenczi's career, especially in his relationship with Freud and in the development of his innovative ideas for the psychoanalytic field, looking into, with the help of Erich Fromm's theories, Ferenczi's possibilities and impossibilities for balancing creative autonomy on the one hand, and the desire for acceptance on the other.

**Keywords** Sándor Ferenczi, 1873-1933; Sigmund Freud, 1856-1939; Erich Fromm, 1900-1980; psychoanalysis; authenticity; submission.

**Texto recebido:** 09/2024.

**Aprovado:** 10/2024.